

CONTRIBUTOS PARA A REVITALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE EM ANGOLA*

Carlos Gomes Pimenta**

O que hoje estamos a discutir não é apenas a Universidade em Angola. É o futuro deste País, o qual certamente não se fará sem homens de cultura, sem técnicos, sem intelectuais capazes de porem em prática uma dimensão cultural e humanista do desenvolvimento.

É um futuro que se discute e só isso justificará que os poderes públicos e políticos saibam olhar com carinho e generosidade para a Universidade Agostinho Neto que, apesar de todas as vicissitudes e dificuldades, é o mais válido e duradouro guardião do saber em Angola, o seu mais poderoso laboratório.

A Universidade não é uma fábrica de licenciados utilizando uma tecnologia testada e obedecendo às regras do funcionamento do mercado. O pragmatismo conjuntural e não estratégico, o economicismo, o mito da regulação automática pelos mercados, tão acalentador de mentes preguiçosas e algibeiras tilitantes, não são capazes de encobrir algumas realidades. A Universidade é uma instituição com longa história cuja durabilidade resulta tanto de estar com a sociedade (presente) como contra ela (criatividade, futuro). Nascida também em berços europeus de ascenso da burguesia soube sempre manter uma autonomia relativa, pugnar por um estatuto próprio e adaptar as suas missões e prioridades aos contextos históricos e geográficos. A sua dimensão cultural e a formação de técnicos com capacidade de acção futura distancia-a do mercado sem lhe fechar a visão da sociedade em que se situa. A "procura" condiciona-se à "oferta" e esta comanda a vida da instituição. A oferta de saber (docentes) é também procura de investigação, luta pela dignidade e cidadãos de corpo inteiro. As propostas de criação de concorrência só se podem justificar pelo lucro,

* Fórum Internacional sobre a Universidade Agostinho Neto e o Ensino Superior em Angola. Luanda, 3-7 de Novembro de 1998.

** Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Faculdade de Economia do Porto.

favoritismo e mecanismos pessoais e nunca em nome do fortalecimento da Universidade Agostinho Neto, da Universidade em Angola, da sociedade civil ou do futuro.

Porque o ensino universitário é vital; porque a Universidade Agostinho Neto é, e continuará a ser, a ligação cultural e técnica entre o passado e o futuro; porque este Fórum é uma expressão da sua vitalidade e um reforço da sua visibilidade sócio-política; porque fui responsável pela coordenação de uma valiosa equipe de universitários portugueses que fez o levantamento da situação da Universidade e apresentou propostas de revitalização, que mereceu o estudo e consideração da actual Reitoria; porque esta tem revelado um dinamismo importante - de que é testemunho esta mesma iniciativa durante tanto tempo pensada e remetida para um secundaríssimo plano -, por tudo isto é com grande entusiasmo e alguma emoção que aqui estou fazendo uma breve referência e apresentação do documento "Contributos para a Revitalização da Universidade em Angola" elaborado pela Fundação Gomes Teixeira / Universidade do Porto, entre 1994 e 1996, no âmbito do 1º Projecto da Educação, segundo contrato firmado com o Ministério da Educação de Angola, e financiado pelo Banco Mundial.

COMENTÁRIO PRÉVIO

Antes de analisarmos alguns aspectos do seu conteúdo é importante esclarecer desde já que o trabalho realizado é o resultado da aplicação de dezenas de docentes e quadros técnicos da Universidade do Porto, da Faculdade de Direito de Coimbra e do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, dos contributos indispensáveis de várias dezenas de docentes, funcionários, estudantes e antigos estudantes da Universidade Agostinho Neto. A lista dos autores e consultores e a forma como está organizada no relatório, assim como os agradecimentos, espelham graus de responsabilidade e de contributos que nos dispensamos de referir.

É habitual afirmar-se que tudo o que de bom o documento tem é da autoria dos outros e os possíveis erros depende de nós, mas ao afirmarmos tal não estamos muito longe da verdade porque não posso deixar de explicitar que entre as diversas informações, opiniões e relatórios parciais nem sempre houve concordância total. É natural que assim acontecesse porque a radiografia não era fácil de tirar e

muito menos a sua observação, porque as linguagens disciplinares dificilmente se misturam entre si e a leitura interdisciplinar tem fricções, porque as consciências possíveis dos intervenientes, marcadas pelas suas experiências de vida, eram diferentes. Coube-me fazer opções entre leituras divergentes, tentar superar paradoxos ou reais contradições, estabelecer metodologias que permitissem passar da análise da situação para as propostas de transformação.

Nestes prolegómenos é também importante dizer que não foi fácil o nosso trabalho. Provavelmente nunca o seria, mas ainda o foi menos quando acabamos por sofrer os impactos da desarticulação entre Ministério da Educação e Universidade Agostinho Neto, da então existente desarticulação entre Reitoria e Faculdades e Institutos, entre parceiras da mesma instituição, entre pessoas.

O nosso estatuto era simples: um conjunto de técnicos contratados (via FGT / UP) por uma entidade governamental angolana (Ministério da Educação) de fazer um estudo da Universidade. Um acto normal em qualquer parte do mundo em que cada vez mais se trocam experiências e se avalia. Mas no presente caso concentrou sobre os docentes e técnicos portugueses envolvidos o então mau estar existente, a frustração de muitos, os receios de ameaça aos poderes institucionais ou económicos, os caducos complexos de colonizador e colonizado, em que até os espantinhos racistas foram levantados.

A qualidade do trabalho realizado - do qual não temos dúvidas, independentemente das opiniões que haja sobre o seu conteúdo, os laços intelectuais estabelecidos e as amizades construídas foram, e são, bálsamos que nos atenuaram os constrangimentos apontados, mas que não farão esquece-los.

Aliás é o reconhecimento desses constrangimentos que dão pleno significado a esta iniciativa. Depois de o trabalho ter estagnado em terreno pantanoso durante alguns meses, ter corrido o risco de ser esquecido, depois da proposta de realização deste fórum ter sido sucessivamente esquecida, a Equipe Reitoral saída do processo eleitoral teve a coragem de pegar nele e sobre ele forjar as suas opiniões, de realizar este evento. O silêncio só pode agradar ao imobilismo e aos poderes não institucionais. O debate e o confronto de ideias, apresentado com rigor, frontalidade e lealdade, e a capacidade de executar o que daí resulte são instrumentos de construção do

futuro.

“Que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança” afirma o poeta português António Gedeão, cientista de profissão. Se “não há certeza de nada” (Maria Celestina Fernandes), quando “as nossas mãos (estão) abertas para a fraternidade do mundo” (Agostinho Neto) é possível a Universidade Agostinho Neto estar presente, reunir em si o espaço, condensar o tempo (parafrazeando Agostinho Neto) e construir o futuro.

ESTRUTURA DO RELATÓRIO

Em termos de estrutura o relatório final está dividido em duas partes metodológica e conceptualmente distintas, embora profundamente interligadas e fornecedores de uma coerência global: numa primeira faz-se a análise da situação e, numa segunda, a apresentação de propostas para a revitalização da Universidade. Não seria possível apresentarmos propostas de alteração sem antes conhecermos bastante bem a realidade enquanto estrutura dinâmica, prenhe de forças actuantes, ora convergentes ou compatíveis ora contraditórias e conflituantes.

O facto de sermos uma equipe exterior trouxe vantagens e inconvenientes nessa leitura da realidade angolana e universitária, nem apenas angolana nem exclusivamente universitária. Por um lado o processo de apreensão da realidade foi mais lento e alguns erros iniciais de percurso, assim como alguns dos desentendimentos atrás referidos, impediram uma dinâmica participativa. Por outro, partiu-se sem ideias preconcebidas explicitamente, sem objectivos de favorecimento de isto ou daquilo e as propostas apresentadas resultaram desse processo genuíno de aprendizagem, impensáveis à partida. Não fomos, como ninguém é, imparciais, mas certamente fomos honestos e diferentes.

SOBRE A RADIOGRAFIA DA SITUAÇÃO

Partimos de uma hipótese de trabalho: a realidade de um espaço económico-social é sempre a síntese dialéctica das dinâmicas interna e envolvente, síntese cujos pesos relativos dependem das conjunturas. Uma e outras dinâmicas podem ser permissivas ou impulsionadoras, progressivas ou regressivas, forjadas no passado e con-

tinuadores ou de ruptura. Os seus conteúdos são das mais diversas naturezas: científica e de sobrevivência, pedagógica e financeira, de aceitação social e de animismo psíquico, de padrões culturais e de relações pessoais, de relacionamento humano e vida das instituições. Por outras palavras, seria, na nossa opinião, uma grande falácia identificar o “interior” da Universidade com um animismo de avanço e o “exterior” como um constrangimento financeiro, e reduzir a suas relações a esse mero desajustamento.

Por isso não poderíamos compreender a realidade de uma faculdade ou de um serviço sem conhecer também a da Universidade, não poderíamos compreender a Universidade sem entendermos a do ensino, não poderíamos saber o que é a Universidade em Angola sem saber o que ela é em África (sobretudo na África Subsaariana) e como se comporta nas conjunturas internacionais. Por isso não poderíamos compreender o ensino sem a investigação, e vice versa; os docentes sem os funcionários, apesar de lhes corresponderem estatutos de intervenção claramente diferenciados; os estudantes sem os professores; o trabalho sem o lazer, o estudo sem a ação social escolar.

Condicionados pelo estabelecido contratualmente e pelos constrangimentos logísticos a que fomos obrigados, limitados pelos nossos próprios conhecimentos e pelo confronto operacional das culturas banto e greco-latina, procuramos

traçar as principais pinceladas da conjuntura universitária mundial e da realidade universitária subsaariana nas últimas décadas (“A evolução do ensino superior nos países desenvolvidos” [3.2] e “Os problemas do ensino superior na África subsaariana” [3.3])

perceber o sistema educativo angolano, assim como as suas dinâmicas, e explicitar a (des)integração do ensino superior, em geral, e da universidade, em particular (“Estrutura do Sistema Educativo Angolano” [3.4])

ler e interpretar os inputs e outputs universitários assim como os seus enquadramentos ([3.4], “Alguns Enquadramentos Legais da Universidade” [3.6] e “Relacionamento Externo” [4.2])

conhecer os diversos segmentos da Universidade Agostinho Neto nas suas dimensões funcional e orgânica (“Análise Pormenorizada

da Universidade Agostinho Neto” nas “Análises Longitudinais” [4.3] e “Análises Transversais” [4.4])

conceptualizar o que existe, mas também detectar o que não existe e faz falta (“Análises Transversais” - “O que não existe” [4.4.2])

É difícil resumir em poucas linhas mais de quatrocentas páginas de texto. Corremos inevitavelmente o risco de deixar muita coisa por dizer, das grandes linhas de força deixarem na penumbra por menores que também são essenciais, de lançarmos ambiguidades que só uma explanação mais completa permitiria resolver. Mas é necessário correr esses riscos.

Enfim, a análise da situação pode ser resumida da seguinte forma:

O desenvolvimento económico-social e a realização integral dos indivíduos como cidadãos - de um mundo em que se reforça simultânea e paradoxalmente a mundialização e a uniformização, por um lado, e os valores locais e específicos, por outro - exigem crescentes níveis de educação, cabendo ao ensino superior, em geral, e às universidades, em particular, um papel estratégico, de longo prazo.

“É hoje aceite que o desenvolvimento sócio-económico e a competitividade das sociedades dependerão, cada vez mais, do conhecimento, o que transforma a educação num dos recursos económicos e sociais mais importantes”

A reconhecida importância do ensino superior e da universidade e a sua conseqüente massificação, fazendo com que a sociedade e os poderes públicos lhe cobrem papéis, funções e desempenhos, por um lado; o peso da história e as dinâmicas próprias das instituições com as características das universidades, por outro; e a ainda as ideologias liberalizantes e privatizantes que hoje dominam fazem com que as Universidades se encontrem em todo o mundo em fase de auto-reflexão - em que este Fórum se integra digna e plenamente -, de encruzilhada, de adaptação e/ou alteração. As opções entre sistemas de ensino superior binários ou integrados, a alteração dos pesos relativos da dependência e da autonomia, com a emergência da qualidade e da avaliação, as dificuldades do financiamento, os impactos da massificação e a importância da formação contínua são aspectos pre-

sentes em todas as Universidades.

Em África as universidades são simultaneamente universais e específicas. Estas especificidades têm a ver com o elevado peso de analfabetismo existente, com o serem frequentemente instituições de colonização, numa fase, e de afirmação nacional no pós-independência, com as características dos tecidos social, político e cultural que a região subsaariana apresenta.

A Universidade Agostinho Neto é um catalisador deste vasto conjunto de elementos e dinâmicas. Soube viver e sobreviver, manteve no seu seio um importante conjunto de intelectuais e docentes de grande qualidade, conservou viva a importância do ensino superior em Angola como garante do seu próprio futuro. A Universidade Agostinho Neto tem sido ao longo dos anos significativamente inovadora no contexto africano, revelando um potencial de adaptação e criatividade notórias. A sociedade e o Estado não têm sabido reconhecer a Universidade que têm, como o revelam os desenquadramentos institucionais, alguns problemas de financiamento e a coexistência com mecanismos de bolsas no Estrangeiro perfeitamente inadequados. A erosão sofrida pela Universidade Agostinho Neto tendeu a desagregá-la e desestruturá-la, exigindo hoje um grande esforço de reestruturação.

A Universidade Agostinho Neto é uma parte do sistema educativo angolano, simultaneamente receptor e impulsionador - cabendo-lhe um papel mais importante que o frequentemente atribuído por alguns organismos internacionais demasiado ofuscados pelo ensino primário -, solidário e autónomo. Forma homens que também são quadros e técnicos do tecido económico e social. Repensar a Universidade Agostinho é repensar o sistema educativo angolano no seu conjunto. Exige aumentar significativamente a qualidade dos licenciados, cujo perfil foi previamente explicitado e alvo da coerência dos programas pedagógicos e científicos. Os desajustamentos e dificuldades no acesso e aproveitamento só podem ser resolvidos pelo diálogo institucional. A qualidade dos licenciados exige a erradicação de todo e qualquer processo que não se fundamente numa pedagogia testada e numa cientificidade reconhecida.

Os recursos humanos são o principal trunfo, o principal capital, da Universidade Agostinho Neto, havendo que ter a coragem de os

reconhecer, e premiar, quando existem com qualidade e honestidade e de os superar (formando-os ou marginalizando-os) quando não possuem aquelas duas características. A atenção principal nesta matéria deve concentrar-se nos docentes, criando condições de trabalho científico e pedagógico regulares, de obtenção de graus académicos de reconhecido mérito, de continuar ao longo da vida a investigar. Também os funcionários são parte integrante desses recursos humanos havendo que operacioná-los adequadamente, num quadro de informação ajustada e disponibilizada, tratada preferencialmente de forma informática. Também os estudantes e a sua participação activa na vida universitária são elementos constitutivos dos recursos humanos, para o que é importante o acesso, as práticas pedagógicas, a acção social escolar e o desporto universitário.

Se as missões da Universidade podem conter em Angola vertentes específicas é inquestionável que as duas principais são o ensino e a investigação. A sua indissociabilidade permite que na Universidade tanto se ensine as realidades como se ensine a pensar e recrear as realidades. Realidades universais e africanas, abstractas e concretas, internacionais e locais, eternas e contemporâneas que transmitem à Universidade uma missão universal, regional e nacional: pensar universal e humanistamente sobre as realidades angolanas e africanas.

Nesse pensar e (re)criar, a importância relativa das diversas Faculdades e Institutos existentes é diferente, como o é a forma de se organizarem para que a Universidade - todo que dá sentido às partes e que não existe sem elas - atinja os seus objectivos. Constituindo já um importante conjunto de saberes disciplinarmente organizados, com algumas áreas de repetição ou conflito, não cobrem suficiente as realidades a que a Universidade deve dar resposta:

inexistência de uma unidade orgânica dedicada mais às Letras, Humanidades e Ciências Sociais e Humanas constitui, porventura, a carência mais evidente da Universidade Agostinho Neto, em termos da sua organização interna em função da cobertura dos diferentes domínios do saber." (Pág. 433)

Não nos parece oportuno aqui referirmos aspectos específicos de cada uma das funções ou faculdades e institutos. Para terminar este ponto permitam-me apenas que justifique a ausência de qualquer

referência explícita à localização da Universidade Agostinho Neto no território nacional: o contrato e o orçamento não o comportavam. Sentíamos que se tratava de uma lacuna mas não tivemos condições de a superar. Apenas num ou noutra caso (como, por exemplo, a propósito das Ciências Agrárias, ou do ISCED) tivemos de fazer uma leve referência ao assunto. Trata-se efectivamente, de uma lacuna mas que não invalida tudo o restante.

SOBRE A INTERVENÇÃO

A “Estratégia e Tática de Intervenção” ocupa o quinto capítulo, inventariando-se 64 acções, especificando para cada uma delas o conteúdo da acção, a estratégia em que se insere, a articulação com outras acções, o seu âmbito geográfico-institucional, a sua calendarização, os recursos necessários e a entidade decisória da sua implementação.

Essas acções estão agrupadas em nove subconjuntos: Articulação (1), Acções prioritárias (5), Acções Prioritárias de Intervenção (3), Complementaridades Convenientes (3), Harmonização do Sistema Educativo (7), Pedagógico-Científicas (21), Administrativo-financeiras (7), Institucionais (13) e Circum-universitárias (4).

A análise da situação e o conteúdo das propostas apresentadas mostram inequivocamente que uma alteração significativa da situação da Universidade exige a estreita colaboração político-institucional do Estado, entenda-se Sociedade, da Universidade, leia-se Reitoria, e das Unidades orgânicas. 23% das acções têm como decisor o Estado, 45% a Universidade, 4% as Faculdades e Institutos e as restantes têm mais de um centro decisor. Por isso a primeira acção visava o “Diálogo Institucional Permanente para a Revitalização da Universidade Agostinho Neto” através da constituição dum Grupo de Trabalhos envolvendo os órgãos de soberania, a Universidade e representantes da actividade Económica. Considerávamos então, ao momento da feitura do relatório final, que existiam algumas acções que eram prévias a tudo o mais. Não era pensável promover qualquer revitalização da Universidade sem que essas acções designadas de prioritárias estivessem concretizadas. Eram elas a “Melhoria da Remuneração dos Docentes”, a “Melhoria da Remuneração dos Funcionários”, a “Melhoria das Infraestruturas de Electricidade, Água, Esgotos e Comunicações”, a “Aplicação Integral do Novo Estatuto Orgânico da

Universidade Agostinho Neto” e, finalmente, a “Aplicação Integral do Novo Estatuto da Carreira Docente”. A história recente deu-nos razão. Antes da concretização de qualquer uma dessas medidas o relatório esteve na gaveta e este Fórum sucessivamente adiado. Depois da concretização de uma significativa parte delas estamos aqui a debater ideias com confiança que o futuro seja diferente, melhor.

Era opinião de alguns autores do relatório que um reforço do orçamento deveria integrar explicitamente o conjunto das acções prioritárias anteriormente invocadas. Acabou por não ficar e tal ponto foi remetido para o conjunto das Complementaridades Convenientes. Em primeiro lugar porque as medidas de aumento orçamental mais importantes já constavam da listagem das acções prioritárias. Em segundo lugar porque não basta reforçar o orçamento sendo igualmente necessário modificar procedimentos, reforçar a informação e os controlos administrativo-financeiros. Em terceiro lugar porque as limitações financeiras são um elemento restritivo mas também são frequentemente um falso argumento, um pretexto para o imobilismo e a manutenção do status quo. De qualquer forma o “Reforço do Orçamento e Modificação dos Procedimentos” figura entre as complementaridades convenientes, conjuntamente com a “Modificação da Política de Bolsas”:

“As referências anteriores [Acções Prioritárias] são exequíveis por si se houver vontade política para a sua execução. Contudo essa vontade política de atribuir à Universidade o espaço económico, cultural e social que lhe compete surge muito mais claramente se for modificada radicalmente a política de formação no estrangeiro a todos os níveis de ensino, com prejuízo das instituições nacionais, isto é, se a política de bolsas se alterar profundamente. Essa situação criaria igualmente disponibilidades financeiras adicionais, ..., susceptíveis de permitir a Universidade funcionar com um orçamento adequado”.

Seria fastidioso estar aqui a apresentar o conjunto das acções propostas e com pouco significado - porque cada uma vale não pela sua enumeração mas pelo estudo atento dos seus conteúdos e pela articulação com as restantes.

Cite-se, no entanto, a título de exemplo, e só disso

Aprovação pela Assembleia Nacional de uma Lei de Bases do

Sistema Educativo

Prioridade para a formação de professores dos níveis de ensino pré-universitário

Programa nacional de formação profissional

Modificar o Acesso à Universidade

para a harmonização do sistema educativo.

Revisão curricular em todas as licenciaturas

Formação científica e pedagógica dos docentes universitários

Montagem de alguns mestrados e pós-graduações

Participação em projectos de investigação internacionais

Reconstituição do fundo documental

Reorganização das bibliotecas

Criação de uma Faculdade de Letras e Ciências Humanas

Reinstalação das estruturas mais carenciadas

e ainda

Reorganização dos serviços administrativos

Reorganização contabilística

Montagem de um Painel de Pilotagem

Informatização da Gestão de Alunos.

Para terminar este inventário parcial citaria ainda algumas acções institucionais:

Criação de uma Direcção Nacional do Ensino Superior no Ministério da Educação

Criação de uma Fundação para o apoio à investigação

Criação de um Gabinete de Planeamento na Universidade

Elaboração de um Plano Estratégico da Universidade

Geminação com universidades estrangeiras.

SOBRE A SUGESTÃO DE FUTURO

A conclusão inevitável de todas estas medidas é que o trabalho realizado no âmbito do 1º Projecto da Educação e o significativo trabalho que a actual Reitoria tem desenvolvido exige a sua continuidade. Por isso terminamos o relatório afirmando

“No que concerne à Universidade Agostinho Neto o 1º Projecto da Educação do Ministério da Educação é um projecto exploratório. Aconselha a existência de um outro Projecto que viabilize as direcções fundamentais de revitalização desenhados neste relatório.

A autonomia da Universidade consignada no estatuto Orgânico da Universidade e cuja concretização plena se aconselha, recomenda que a existência de um novo projecto seja aprovado pelos órgãos decisórios da Universidade.

(...)

O projecto deve ter a duração de cinco anos (duração oficial de uma licenciatura) ...

COMENTÁRIO FINAL

O Relatório que aqui analisamos foi o culminar de um trabalho e uma proposta de sequência. Ele é essencialmente uma proposta de rumo e de trabalho mas terá de ser a vontade do povo angolano e do seu Estado, o trabalho abnegado de docentes, funcionários e estudantes, o apoio financeiro de instituições diversas e a cooperação internacional que serão capazes de construir um futuro radioso.